

# O reino do laço, na terra da lassidão

Fernando Luiz Borges Jr.<sup>1</sup>

Era uma vez um reino muito conhecido, por ali existirem especialistas em laços. Por *laços*, entendam-se os de toda sorte: laço, propriamente dito, arapuca, visgueira, manzuá, e qualquer outro tipo de armadilha de que vocês venham a se lembrar.

A forma de captura também variava, de acordo com quem preparava o laço. Se a armadilha era montada por quem fabricava produtos, as formas mais comuns eram: especificar um objeto e colocar outro, de qualidade inferior; reduzir o conteúdo, mantendo o tamanho da embalagem, etc; enfim, técnicas que, à luz do Código Penal, poderiam ser enquadradas no art. 171 – crime de estelionato, mas que, por conta do estado de lassidão em que se encontravam comandados e comandantes, iam sendo adotadas de forma generalizada, na base do *farinha pouca, meu pirão primeiro!*

A outra forma de captura, e - creio - mais perigosa que a primeira, era a praticada pelos senhores do reino. Também conhecida como *armadilha do queijo* - o do tipo reino, redondo -, ela consistia em gerar e manter em torno de si uma superestrutura formada por comandados especializados - aos quais era prometida uma vida confortável, e com retorno financeiro proporcional ao grau de complexidade dos trabalhos desenvolvidos. Naturalmente, fazia parte das promessas a proteção contra os sobressaltos do mundo *extra muros* (também conhecida como *estabilitatis*). Tudo devidamente registrado em tabelas e avalizado pelo *selo sagrado* da assembleia real (papiro supremo que trazia em seu bojo o DNA do reino. Era um documento superior ao rei, em tese, e todos - inclusive o rei - a ele eram submetidos).

Como a condução desse reino era muito complexa, não se podia ter comandados quaisquer. Eles tinham de ser os melhores dos melhores; resultado de competições nacionais com representantes de diversas tribos. Muitos desses representantes abandonavam todas as demais atividades sociais de suas vidas por meses e anos, até, preparando-se para as competições. Mesmo sabendo que concorreriam com dezenas - e até centenas - de milhares, esses comandados se lançavam nessa jornada incerta, atraídos pela contrapartida (*canto de sereia!?*) apresentada pelos senhores do reino.

Não é demais lembrar que, para condicionar os que se aventuravam nessa empreitada, eram estruturados vários centros de preparação, os quais cobravam - e muito caro! - para ensinar os meandros e *notas de rodapé* que poderiam ser cobrados nas provas das competições (que também eram precedidas de pagamento pelos competidores!). Aí começava a seleção, e quem podia pagar curtia a *#já parti na frente*.

---

<sup>1</sup> Servidor do TRT5 há quase 31 anos. Atualmente é o Coordenador Técnico da Diretoria-Geral. É coautor do livro POEMAS e tem trabalhos publicados em três edições do prêmio Lagoa do Abaeté, promovido pela Federação Baiana de Escritores. Cantor, compositor e intérprete, lançou o CD Músicas de Esperança e clipes no canal do YouTube - Músicas de Esperança - Fernandinho Borges.



(Salto no tempo).

Com todo respeito à decepção e prejuízo (psicológico e financeiro) da maioria esmagadora dos competidores, vou prosseguir a história com os ditos *aprovados*. Com eles, os senhores do reino passavam a ter ao seu dispor a *nata* de comandados vencedores nas competições. Estes, por sua vez, ainda inebriados com suas performances, deliravam na expectativa da vida prometida. Por isso mesmo nem se importavam em aumentar – só mais um pouco – o custo do seu ingresso na estrutura interna do reino. Afinal, vitórias tinham de ser comemoradas! Parecia justo!

Parecendo ser uma coisa lógica, a partir do seu *chamamento*, os mais novos comandados começavam a planejar suas vidas, sem receio do porvir. O que eles desconheciam é que as regras das competições editadas pelos senhores do reino só valiam até aquele momento. E assim que os novos comandados tomavam posse e entravam em exercício a serviço do reino, ouvia-se um estrondo vindo de suas retaguardas: eles haviam caído no laço! De agora em diante passavam a ser tratados por **servidores!**

A partir de então a história é a que se conhece: os senhores do reino passavam a exigir dos servidores que executassem atividades cada vez mais complexas e em maior número do que rezavam os termos da competição. A contrapartida, representada por um arbusto de metal, começava a ser atacada pela *inflacionis monstrus*, um agente nocivo que corroía suas folhas e enferrujava seu tronco, fazendo com que o arbusto estagnasse e começasse a perder vida.

Quase esqueço de dizer que, num círculo mais próximo, os senhores do reino mantinham e adubavam arbustos de um grande número de *subordinatum cumpatris* – um tipo diferente de servidores que, não só não disputavam as competições, como entravam e saíam do reino ao gosto dos senhores. Conta-se que havia mais de 100 mil deles no reino do laço, vindos da terra da lassidão. A única competência que dispunham era a de terem um *QI elevado*. De quanto? Nunca fora revelado.

Quanto aos servidores aprovados, iam cumprindo sua parte na superestrutura do reino, enquanto assistiam a ferrugem da *inflacionis monstrus* corroer seus arbustos. Para não matá-los de inanição (e ter de adquirir novos servidores), de tempos em tempos os senhores do reino liberavam pequenas porções de anticorrosivo. Essas porções não cobriam todo o arbusto. Davam conta de lubrificar uma parte dele, e proporcionar a sensação de que o arbusto iria reagir e frutificar. Esperança vã.

Quando os servidores se juntavam para solicitar aos senhores do reino um pouco mais de anticorrosivo (pois, estando há mais de uma década sem poder lubrificar seus arbustos, assistiam à sua degradação lenta e progressiva pela ação da *inflacionis monstrus*), ouviam desses senhores uma distorcida mensagem (ampliada pelos sistemas de comunicação do reino, que não estavam a serviço do reino... só que não...), no sentido de que eles, os servidores, eram uns insubordinados; ingratos; que pediam doses cavalares de anticorrosivos em detrimento de todo o reino; que o seu pleito era imoral, injusto, antisocial. Acho que os senhores só não diziam que os servidores/insubordinados iriam para o inferno porque o reino era laico...

E assim, barganhando para manter seus arbustos com doses mínimas de anticorrosivos, os servidores - quase excomungados - continuaram tentando convencer os senhores, e o resto do reino, de que o que queriam era, tão somente, receber, em contrapartida ao seu trabalho, o que lhes fora prometido, *selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado...* como na música de Raul<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Raul Seixas – Carimbador Maluco.